

HIPOTIREOIDISMO E RISCO CARDIOVASCULAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Davi Maciel Cabral¹

Nathália Andrade de Sousa²

Kamyla Costa Oliveira³

Kathelen Tavares Bastos⁴

Aline Rosa de Castro Carneiro⁵

O hipotireoidismo é um distúrbio endócrino caracterizado pela insuficiência de hormônios tireoidianos, identificado pelo aumento do hormônio estimulador de tireóide (TSH), podendo os níveis de tiroxina (T4) e tri-iodotironina (T3) apresentarem valores baixos ou normais. A sua maior prevalência encontra-se entre mulheres, idosos e indivíduos com histórico de doenças autoimunes, afetando entre 4 a 10% da população. As principais etiologias variam conforme a região, sendo a tireoidite autoimune mais nas áreas com ingestão adequada de iodo. Clinicamente, manifesta-se por sintomas inespecíficos, como fadiga, ganho de peso, edema periorbital e intolerância ao frio, e seu diagnóstico é confirmado por meio de exames laboratoriais. Os hormônios tireoidianos são capazes de interferir, de maneira direta ou indireta, na saúde cardiovascular, podendo contribuir com o aumento do risco cardiovascular. O hipotireoidismo aumenta o risco de doenças como dislipidemia e doença coronariana, que estão associadas a complicações cardiovasculares como infarto e derrame. O objetivo deste estudo é analisar a relação entre o hipotireoidismo e o risco cardiovascular, explorando os mecanismos fisiopatológicos que conectam a disfunção tireoidiana às alterações cardiovasculares, e seus principais desfechos. Trata-se de uma revisão de literatura, na qual foram selecionados artigos publicados entre 2014 e 2024, em língua portuguesa e inglesa, na base de dados do PubMed, utilizando-se os descritores “hipotireoidismo” e “doenças cardiovasculares”. Os estudos demonstraram que a deficiência de hormônio tireoidiano está relacionada a efeitos cardiovasculares que podem impactar no pleno funcionamento de todo o organismo. Dentre as alterações observadas, no hipotireoidismo encontram-se o aumento da resistência vascular sistêmica, devido à diminuição do relaxamento das fibras musculares dos vasos e à redução do óxido nítrico endotelial; dano miocárdico e derrame pericárdico. Além

¹ Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário de Minas (UNIFIMES) –Trindade, davi_mcabral@academico.unifimes.edu.br

² Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário de Minas (UNIFIMES) –Trindade.

³ Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário de Minas (UNIFIMES) –Trindade.

⁴ Acadêmico do curso de Medicina do Centro Universitário de Minas (UNIFIMES) –Trindade.

⁵ Docente do curso de Medicina do Centro Universitário de Minas (UNIFIMES) –Trindade.

disso, T3 possui um papel importante na produção de renina pelo fígado, influenciando na regulação da pressão arterial, além de mediar a expressão gênica dos miócitos e atuar na regulação da frequência cardíaca (FC). Logo, em um estado de insuficiência do hormônio tireoidiano, a FC, o débito cardíaco e volume sistólico diminuem. Alguns estudos demonstraram associação entre a apresentação subclínica do hipotireoidismo e doenças cardiovasculares isquêmicas, com maior risco de mortalidade nesses casos. Conclui-se então que a deficiência de hormônios tireoidianos está associada a diversas complicações cardíacas, como aumento da resistência vascular, diminuição do débito cardíaco e risco elevado de hipertensão e dislipidemia, tornando-se de fundamental importância a compreensão dos mecanismos fisiopatológicos em que a disfunção tireoidiana contribui para o aumento do risco cardiovascular, a fim de evitar desfechos desfavoráveis.

Palavras-chave: Hipotireoidismo. Desfechos Cardiovasculares. Doenças Cardiovasculares. Infarto. Acidente Vascular Encefálico. Mortalidade Cardiovascular.